

## O CORPO-TERRITÓRIO: DIÁLOGO ENTRE O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E A FILOSOFIA FOUCAULTIANA

*Ideni Terezinha Antonello <sup>1</sup> e Ariel Pereira da Silva Oliveira <sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo pretende ressaltar aspectos do pensamento foucaultiano passíveis de serem aplicadas as discussões teórico-conceituais acerca do corpo-território, que tem ganhado força nos estudos geográficos de gênero, sobretudo na América Latina. A presente reflexão está estruturada em duas partes principais: na primeira discute-se a influência de Foucault na Geografia, sobretudo a incorporação nos estudos de gênero e sua concepção de poder nas análises voltadas para o conceito de território. Na segunda parte serão resgatados argumentos do filósofo francês, possíveis de serem incorporadas e articuladas à noção de corpo-território que vem se fortalecendo nos estudos de gênero na Geografia latino-americana. Este artigo constitui-se em um ensaio teórico, assim a metodologia utilizada envolveu uma revisão bibliográfica que permitiu entender o impacto que o pensamento de Foucault já teve na Geografia, bem como sua potencialidade para novos temas que desafia pensar os processos e fenômenos espaciais multiescalares, que não são alheios a dimensão do corpo. Observou-se como a interpretação foucaultiana proporciona uma base para temáticas intrinsecamente envoltas com as preocupações geográficas. O que remete análise para o elo saber-poder-espço, primordialmente o poder sobre o espaço (corpo-território).

**Palavras-chave:** Corporeidades; Geografia; Michel Foucault.

### THE BODY-EARTH-TERRITORY: DIALOGUE BETWEEN GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE AND FOUCAULTIAN PHILOSOPHY

**Abstract:** This article has as its main goal to highlight the aspects of Foucault thoughts that are bound to be applied in theoretical-conceptual discussions about the body-earth-territory, that has become stronger in the geographical studies of this genre, especially in Latin America. The present reflection is structured in two main parts: in the first part the influence of Foucault in Geography is discussed, predominantly the incorporation of the genre studies and their conception of power in the analysis concerned to the territory concept. In the second part some arguments of the French philosopher that are probably incorporated and articulated in the body-earth-territory, which is

<sup>1</sup>Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Pós-doutorado pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT). Professora Associada do curso de graduação e pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [antonello@uel.br](mailto:antonello@uel.br).

<sup>2</sup>Doutorando em Geografia pela Universidade Nacional de La Plata (UNLP). E-mail: [aripso543@gmail.com](mailto:aripso543@gmail.com).



being strengthened, will be retrieved. They are also strengthening the genre studies in Latin- American Geography. This article constitutes in a theoretical essay, thus, the methodology used, was a bibliographical review which allowed the understanding the impact of Foucault thought had in Geography, as well as its potentiality for new themes that challenges to think about the processes and spatial multi-scale phenomena, which are not unrelated to the body dimension. It was observed how the Foucauldian interpretation provides a basis for intrinsically shrouded thematic with the geographical worries. What calls for an analysis for the knowledge-power-space linking, primarily the power over space (body-earth-territory).

**Keywords:** Corporealities; Geography: Michael Foucault.

## 1. Introdução

Sob aquilo que se denominou o progresso da razão, o que se passava era o disciplinamento de saberes polimorfos e heterogêneos (FOUCAULT, 2002, p. 218).

Optou-se por iniciar o texto com essa citação, pois ela dá o tom da proposta que se busca apresentar, isto é o conhecimento científico é caracterizado por uma fragmentação disciplinar, que resulta de um longo processo histórico iniciado no século XVIII, em que conforme o autor:

O século XVIII foi o século do disciplinamento dos saberes, ou seja, da organização interna de cada saber como uma disciplina tendo, em seu campo próprio, a um só tempo critérios de seleção que permitem descartar o falso saber, o não-saber, formas de normalização e de homogeneização dos conteúdos interna de centralização desses saberes em torno de um tipo de axiomatização de fato. Logo, organização de cada saber como disciplina (FOUCAULT, 2002, p. 217).

No entanto, tem-se observado a valorização da interlocução de diferentes saberes no debate científico contemporâneo. Este movimento está imbuído pela busca da superação de um modo fragmentado e especializado de fazer ciência, que se dá de forma linear, reducionista e, conseqüentemente, com capacidade reduzida para apreender a complexidade do mundo.

Nesse contexto, o presente artigo representa uma contribuição no desafio de penetrar as fronteiras do conhecimento, que à primeira vista parecem ser intransponíveis, bem como evidenciar a potencialidade da interlocução entre a Geografia e o pensamento foucaultiano, a partir da dimensão do corpo concebido enquanto um território.

Entender o corpo como um território implica pensá-lo como uma dimensão inerente à existência humana, que possui materialidade e está imerso, de forma relacional, a complexas relações de poder que interferem na forma



como o espaço é apropriado pelos diferentes sujeitos que compõem determinada sociedade, o que evidencia sua dimensão política frente sua capacidade de produzir relações sociais e espacialidades. Assim, “[...] controlar e gerenciar os corpos é controlar e gerenciar a ordem espacial, e é, controlar os territórios” (MONDARDO, 2009, p. 7).

Nesse debate, Michel Foucault figura como um importante autor para pensar e lapidar o conceito de corpo-território, visto que em sua obra encontramos um sofisticado estudo sobre o corpo como alvo de processos socioculturais e históricos, projetados para a sua disciplinarização e efetivação do controle e docilização (HAESBAERT, 2020).

Vale pontuar que a interlocução de saberes proposta não é uma tarefa simples, pois não se restringe a mera “colaboração” e “comunicação” entre os saberes, visto que cada um supervalorizará seu objeto, e conseqüentemente manterá uma postura específica e particular, assim, nas palavras de Morin citadas por Petraglia:

Mas a interdisciplinaridade controla tanto as disciplinas como a ONU controla as nações. Cada disciplina pretende primeiro fazer reconhecer a sua soberania territorial, e, à custa de algumas magras trocas, as fronteiras confirmam-se em vez de se desmoronarem (PETRAGLIA, 2001, p. 74).

O monólogo que caracteriza o conhecimento científico não será superado com a mera colaboração entre disciplinas, é preciso uma postura mais combativa, expressa em Foucault quando diz: “[...] talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser [...]” (FOUCAULT, 1995, p. 239 *apud* PETRAGLIA, 2001, p. 40). Destarte, é preciso um movimento constante de autocrítica e reinvenção, para a construção de uma interpretação cada vez mais complexa da realidade e em consonância com autores como Morin quando diz: “[...] Não é um livro de ciência e não é um livro de filosofia; é uma viagem à interface duma e da outra, visando a interfecundação mútua duma pela outra”.

O questionamento à disciplinaridade do saber e às relações de poder internas, expressas no modo de produzir o conhecimento geográfico, encontrou nas Geografias Feministas um fértil solo para florescer, pois, foi nesse campo onde se fez mais nítido o interesse de geógrafos em compreender a origem e as implicações do silenciamento das experiências e práticas espaciais de grupos sociais que ocupam posições subalternas, como mulheres, negros, LGBTQTS, entre outros; sendo que evocar Foucault para pensar o corpo na Geografia pode ser lido como parte desse movimento de autocrítica.

## 2. Metodologia

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste ensaio, o processo envolveu uma revisão bibliográfica centralizada no pensamento de Foucault de modo a entender seu impacto na Geografia. A partir



disso, estruturou-se o presente artigo em duas partes, na primeira é realizada uma análise da influência que Foucault já teve na referida ciência, como, por exemplo, suas reflexões sobre o poder que foram incorporadas nos estudos do território. Na segunda parte aborda-se a potencialidade de Foucault para o estudo de temas emergentes, que desafiam pensar os processos e fenômenos espaciais multiescalares, tradicionalmente trabalhados pela Geografia, de forma articulada às corporeidades, para isso, se dá relevo ao conceito de corpo-território.

## 2.1 Desenvolvimento

### 2.1.1 Foucault e a Geografia

Nesta parte se discutirá os pontos de convergência entre a filosofia foucaultiana e o pensamento geográfico, de modo a demonstrar como o autor influenciou as análises espaciais, tendo como principal contribuição sua discussão referente ao poder para as análises sustentadas pelo conceito de território.

### 2.1.2 Foucault e as relações de poder: uma contribuição para a Geografia e os estudos territoriais

A geografia está no coração do meu trabalho [tradução própria]<sup>3</sup>  
(FOUCAULT, 2000a, p. 40).

O espaço é o que estava morto, o fixo, o não-dialético, o imóvel.  
Em compensação, o tempo era rico, fecundo, vivo, dialético  
(FOUCAULT, 2000b, p. 159).

Conforme se observa na epígrafe, Foucault critica a desvalorização do espaço em detrimento do tempo. Enquanto o espaço foi considerado uma dimensão anti-histórica, sem movimento, sem contradição, o tempo era a dimensão que encarnava tudo o que foi negado ao espaço, comumente caracterizado como morto. Tal fato, remete a gênese da sistematização do pensamento geográfico como ciência e disciplina acadêmica, pois para ser reconhecido com tal buscou alicerçar-se, em âmbito teórico-metodológico, no modelo das ciências naturais, em que o espaço era remetido à natureza e seus aspectos físicos, passíveis de observação direta dentro dos princípios positivistas. Essa postura contribuiu para fortalecer a concepção hegemônica de que o espaço era mero receptáculo de um povo e sua cultura.

Em outros textos o filósofo volta-se novamente para a discussão da negligência com relação ao espaço, mas dessa vez por parte da filosofia, explicando que tal situação foi gerada no final do século XVIII, um período marcado pelo desenvolvimento da física teórica e experimental, que desacelerou

<sup>3</sup> Texto original: La géographie doit bien être au cœur de ce dont je m'occupe (FOUCAULT, 2000a, p. 40).



o discurso dos filósofos sobre o cosmos e o espaço finito ou infinito (FOUCAULT, 2002). Para ele, a apropriação do espaço pela ciência direcionou o olhar do filósofo para o tempo, um movimento de forte repercussão no processo de disciplinamento do saber. Mesmo com essa visão histórico-crítica, em 1976, ao conceder uma entrevista à revista Heródoto, Michel Foucault foi questionado sobre seu silenciamento frente às questões da Geografia. No entanto, ao olhar mais de perto suas contribuições percebe-se que o espaço sempre foi um elemento presente por meio, por exemplo, do uso de metáforas espaciais.

Foucault esclarece serem provocações referentes à manifestação do poder que se estabelece no processo de produção de conhecimento.

Reprovaram-me muito por essas obsessões espaciais, e elas de fato me obcecaram. Mas, através delas, creio ter descoberto o que no fundo procurava: as relações que podem existir entre poder e saber. Desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se apreender o processo pelo qual saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos. Existe uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que passam pelo saber e que naturalmente, quando se quer descrevê-las, remetem àquelas formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território (FOUCAULT, 2000b, p. 158).

Foucault deixa explícito que o espaço permeia sua obra mesmo de forma implícita, expresso no interesse pela inter-relação entre a produção do saber, o poder e o espaço. Metodologicamente isso fica nítido quando ele diz que ao contrário de tentar decifrar o espaço via metáforas espaciais, ele as usava com estratégias para localizar e entender as relações de poder que transformam os discursos (FOUCAULT, 2000b).

Pode-se dizer que essas e demais reflexões foucaultianas acerca do poder foram as ideias que mais repercutiram na Geografia, sobretudo nos estudos referentes ao conceito de território. Se por muito tempo o espaço foi conhecido como mero receptáculo, como visto anteriormente, com o passar do tempo se fortaleceu a ideia de que o espaço não é estático, mas o produto de um processo histórico que está em constante movimento e transformação, onde diferentes atores sociais o produzem e o transformam, ao passo que criam sua existência. O papel das relações sociais fica evidente nas discussões referentes ao território, um conceito usado para sustentar análises do espaço marcado por relações de poder, ao ponto da concepção miltoniana defender a ideia de território usado, por a partir dele ser possível apreender não só a dimensão material representada pelos objetos, mas também a social representada pelas ações (SANTOS, 1998).

Assim, é no reavivamento que a Geografia passou na década de 1970, ao incorporar diferentes matrizes teórico-filosóficas como o marxismo, a fenomenologia e o feminismo, que o pensamento foucaultiano encontrou um

campo fértil para influenciar as análises espaciais. Soja (1993), por exemplo, argumenta que para a reafirmação do espaço na teoria social crítica autores como Foucault, Lefebvre, Berger e Mandel foram fundamentais por proporcionarem fortes alicerces teórico-metodológicos para a consolidação da (re)valorização da espacialidade, permitindo apreender com profundidade interrelação entre o espaço e processos como a reestruturação socioeconômica e territorial.

Foucault foi necessário para as análises das intensas transformações socioespaciais da contemporaneidade, oriundas da reconfiguração do modo de produção capitalista marcada pela transição de um modelo de regulação do capital fordista para uma flexível (ou pós-fordista) (SOJA, 1993). Por conta disso, Soja (1993) usa o termo "geógrafos pós-modernos" para se referir a esses autores e suas contribuições para a apreensão de dinâmicas espaciais marcadas pelo choque constante do antigo e do novo, próprio da instauração da passagem de uma experiência espaço-temporal moderna, para uma pós-moderna.

A partir de Soja (1993) entende-se que a relevância de Foucault aumentava à medida que as novas dinâmicas da sociedade contemporânea, marcada por processos como a globalização e transformação do meio, que antes era técnico-científico em técnico-científico-informacional, desafiava o arcabouço teórico-metodológico dos geógrafos com mais força. É nesse cenário que Foucault apresenta as ferramentas necessárias para a construção de uma "cartografia do poder", passível de ser interpretada como um substrato sólido para a análise das estratégias do poder via organização espacial, no sentido que as "tecnologias disciplinadoras" se materializam no espaço em prol da dominação exercida sobre ele.

Uma obra representativa para ressaltar a influência de Foucault no estudo da relação entre o poder e o espaço é "A des-ordem da periferia" de Novy (2002), nela é apresentada uma contraposição entre a concepção de poder e espaço hobbesiano e foucaultiano. Enquanto o primeiro defende o "espaço de poder", o outro questiona essa visão a partir da tese do "poder sobre o espaço". O espaço de poder parte da concepção da dimensão espacial como receptáculo, o poder partiria do Estado, produziria um espaço em prol de seu benefício, em uma mecânica perfeita do poder, onde "O Estado é uma poderosa máquina, um animal artificial, o 'Leviatã' que pode domar o egoísmo dos indivíduos e produzir a unidade do Estado e do território" (NOVY, 2002, p.29). Já Foucault, em um curso no Collège de France, em 1976, esclarece que assume uma concepção contrária ao dizer:

Isso seria, se quiserem, exatamente o contrário do que Hobbes queria fazer no Leviatã e, eu creio, os juristas, quando formulam o problema de saber como, a partir da multiplicidade de indivíduos e vontades, formar uma vontade ou corpo único, mas animado por

uma alma que seria a soberania<sup>4</sup> [tradução própria] (FOUCAULT, 2000a, p. 179).

A posição de Foucault fomenta a discussão em torno do postulado clássico de poder e espaço, defendendo que se deve ter como preocupação nos estudos sobre o poder as suas práticas e implicações reais, não buscar mapear onde ele se concentra, ou seja:

[...] estudar o poder de alguma forma do lado da face externa, onde ele está em relação direta e imediata com o que podemos chamar, muito provisoriamente, seu objeto, seu alvo, seu campo de aplicação, aí, em outras palavras, onde se enraíza e produz seus efeitos reais <sup>5</sup> [tradução própria] (FOUCAULT, 2000a, p. 179).

Quanto a recusa de Foucault em pensar o poder como uma força centralizada em um só lugar, vale lembrar que para ele o entrelaçamento entre poder, espaço e o saber, cristaliza-se em uma rede de relações, em que “[...] o poder está em todo lugar não porque englobe tudo, e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1982, p. 46). De tal forma que o poder é considerado como algo que:

[...] não é localizável e não é um objeto que se possui. Ele é lugar de luta, relação de força. Ele se exerce e se disputa. O poder funciona como uma rede que se espalha na estrutura social com suas micro e poderosas ações, que estão em toda parte da estrutura social (SILVA, 2004, p. 172).

Essa posição do autor é retomada por pensadores como Andreas Novy ao colocar que:

[...] ao passo que a criação de espaços de poder é determinada pelo empenho em criar um espaço no qual se possa agir, o poder sobre o espaço é uma força estrutural que solapa sempre de novo esse empenho da territorialização. O poder sobre o espaço pode criar as condições para que os detentores do poder possam dominar, mas ele pode também solapar espaços de poder (NOVY, 2002, p. 34).

---

<sup>4</sup> Texto original: Cela serait, si voulez, exactement le contraire de ce que Hobbes avait voulu faire dans le Léviathan, et, je crois, les juristes, lorsqu'ils formulent le problème de savoir comment, à partir de la multiplicité des individus et des volontés, peut se former une volonté ou un corps uniques, mais animés par une âme qui serait la souveraineté (FOUCAULT, 2000a, p. 179).

<sup>5</sup> Texto original: [...] d'étudier le pouvoir en quelque sorte du côté de la face externe, là où il est en relation directe et immédiate avec ce qu'on peut appeler, très provisoirement, son objet, as cible, son champ d'application, là, autrement dit, où il s'implante et produit ses effets réels (FOUCAULT, 2000a, p. 179).



Salienta-se que os estudos geográficos de território evidenciam determinadas dimensões como a simbólica, a política e a econômica, sendo possível e comum privilegiar uma delas nas análises, elas se encontram fundidas e inter-relacionadas no território (HAESBAEST; LIMONAD, 2007) e a compreensão individual e/ou articulada dessas múltiplas dimensões encontra respaldo nas elucubrações de Foucault.

Essa possibilidade fica evidente em um debate realizado entre Chomsky e Foucault, em 1971, no qual Foucault afirma que a política é um dos temas mais cruciais da existência, “[...] afinal de contas, a essência da nossa vida consiste no funcionamento político da sociedade na qual nos encontramos” (CHOMSKY; FOUCAULT, 2014, p.46). Nesse debate, a fusão entre as dimensões simbólica, política e econômica se evidenciam, visto que Foucault assevera que a economia é um exemplo de variável que funciona e sustenta um sistema de valores que regulam a conduta humana, muitas das quais também são simbólicas.

Ainda quanto ao poder, tema trabalhado por Foucault e tão caro aos geógrafos, pode-se dizer que é algo onipresente, que se manifesta em fluxo constante no interior das instituições sociais e posto em prática via estratégias. Nos mecanismos de ordenamento de organização espacial, por exemplo, transparece no modo/procedimento de como o poder imiscui-se do saber e do espaço, por meio dos mecanismos coercitivos que fundamentam o controle da produção social do espaço.

Nessa dinâmica se manifesta a questão da produção do discurso, um mecanismo de exercer o poder a partir da política de silenciamento em relação a temas que contrapõem o *status quo*, pois “[...] sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2004, p. 9).

Destarte, o discurso tem sido considerado por geógrafos para a análise do território, visto que a prática do discurso se influencia a objetivação da criação de subjetividades na sociedade e, conseqüentemente, no território. A produção do discurso é efetivada na “vontade de verdade”, perseguida pelo poder, já que o poder disciplina o discurso e apresenta, via prática discursiva, a representação da “verdade” que é formatada pelas mãos da sociedade do controle. Nessa premissa assenta-se o conceito de prática discursiva, nas palavras de Foucault “[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiriam, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 1997, p. 136).

A prática discursiva é uma estratégia do poder disciplinador, com influência na organização do espaço, quando cria “verdades”, normas, padrões, elas se materializam no território e circulam pelas suas redes.

Conforme se observou nessa sessão, apesar de à primeira vista o espaço ocupar lugar secundário no pensamento científico e filosófico, na obra foucaultiana ele é reavivado no elo que se estabelece entre o poder, o espaço e



o saber, gerando argumentos interpretativos a partir do postulado da estratégia de poder sobre o espaço. No próximo item se discutirá como os estudos geográficos de gênero se apropriaram do pensamento foucaultiano.

### 2.1.3 Foucault e os estudos geográficos de gênero

Como visto anteriormente, Foucault influenciou geógrafos sobretudo nos seus estudos sobre o território, no entanto, autores como Claude Raffestin afirmam que sua influência está aquém de sua potencialidade. Assim,

O que Foucault ofereceu aos historiadores, ele ofereceu também aos geógrafos, entretanto os últimos têm, de certa forma, recusado o presente que lhe foi dado. Um presente que, hoje, se tornou uma herança da qual demandas são colocadas um pouco mais iminente, apesar de ainda timidamente (RAFFESTIN, 2007, p. 129 *apud*. CHAVES; POLICASTRO, 2019, p. 2627).

De acordo com autores como Chaves e Policastro (2019) a resistência ao filósofo tem relação com a hegemonia do paradigma da Geografia crítica e sua base marxista que repelia outras leituras da realidade. Essa recusa foi experienciada por adeptos de outras perspectivas como os estudos de gênero e a fenomenologia, mas que ainda assim deram uma contribuição muito relevante para pensar outras relações passíveis de ser geograficamente analisadas como a relação entre o corpo e o espaço, a qual se dará relevo nesta parte do artigo.

O estudo geográfico das corporeidades, da sexualidade e do gênero encontraram um campo fértil para florescer no paradigma das "Geografias Feministas", por conseguinte, falar desse campo de estudo envolve lembrar que ele não se estabeleceu sem resistência. Mesmo sendo possível mapear produções pioneiras que tratavam da condição da mulher trabalhadora, realizadas dentro do paradigma crítico de base marxista, a questão de gênero só se estabeleceu de fato na Geografia brasileira por volta da década de 1990.

Um exemplo dessa recusa aparece no silêncio em torno das discussões acerca do corpo e sexualidade realizadas por Henri Lefebvre em obras como "a produção do espaço", mesmo sendo ele um dos autores mais influentes da vertente crítica, sobretudo nos estudos sobre o espaço urbano, esse ponto de sua obra não recebeu a devida atenção. Recentemente essa negligência quanto ao aprofundamento das ideias desse autor referentes a corporeidade se tornou tema de análises de estudiosos, que afirmam:

Embora a obra de Lefebvre trate do corpo humano como capacidade de produzir espaço e um meio pelo qual as pessoas podem retomar o poder sobre sua vida cotidiana, a geografia brasileira negligenciou o corpo nesta abordagem, tomando como principal referência sua abordagem marxista. Contudo, o corpo recentemente tem sido um elemento de interesse por parte da geografia brasileira e a monumental obra de Lefebvre permanece

como notável fonte de inspiração (SILVA; ORNAT; CHIMIN JÚNIOR, 2019, p. 63).

É dentro dos estudos geográficos de gênero que a leitura dessa dimensão lefebvriana vem pouco a pouco sendo resgatada, ao consolidar a compreensão do espaço enquanto dimensão corporificada, com influência na produção socioespacial por meio das práticas cotidianas (capacidade de resistência, demandas políticas, entre outros). Situação similar ocorreu com o pensamento foucaultiano, sendo que o debate em torno do poder deixou de ficar restrito às produções teórico-conceituais sobre território, passando a ser incorporado pelas chamadas “Geografias Feministas” na leitura relacional de gênero, sexualidade e espaço, sem perder de vista as demais Interseccionalidades.

Esse movimento que se vislumbra com mais força na década de 1990, demarca a influência dos estudos geográficos de gênero nas perspectivas comumente conhecidas como desconstrucionistas, representada pelo pensamento de teóricos como Michel Foucault, Judith Butler, Teresa de Lauretis e Donna J. Haraway, entre outros; essas concepções ao serem incorporadas na análise espacial trouxeram novas formas de entender os processos de produção dessa dimensão social pela variável “gênero” (SILVA, 2009a). Entre os geógrafos influenciados por Michel Foucault, pode-se citar: Gillian Rose, Linda Mc Dowel, Nigel Thift, Jon Binnie, Gill Valentine, Clare Lewis, Steve Pile, David Bell, entre outros (SILVA, 2008).

Para Gillian Rose, por exemplo, o gênero constituía um padrão mantido à força por determinados sujeitos que detinham a capacidade de mobilizar os recursos necessários para tal fim, balizada pela teoria foucaultiana a autora sustenta que o exercício desse poder, assim como nas outras formas como ele pode se manifestar, é relativo, pois nessas relações surgem fissuras que trazem à luz a possibilidade de transgressão do *status quo* (SILVA, 2009b).

Ao se pautar na visão de Foucault quando a ideia de que o poder está centralizado em determinado lugar como o Estado é desconstruída, visto que o filósofo parte do pressuposto de que o poder político também parte de instituições sociais como a família e as escolas que, ao difundirem dado tipo de conhecimento, contribuem para a manutenção de determinada classe social no poder (CHOMSKY; FOUCAULT, 2014). Ao trazer o debate para as discussões de gênero e ao considerar o discurso dominante que estabelece um padrão de gênero, observa-se que os corpos com orientações sexuais, identidades de gênero e/ou demais comportamentos destoantes da norma, ao subverter os padrões reforçam a ideia de que onde há poder há a potência da insubmissão e subversão.

Ao se considerar a disciplinarização e controle dos corpos, que se dá a partir de diferentes instituições sociais, com intuito de construir uma sociedade marcada pela homogeneidade dos comportamentos e valores, entende-se que apagamento das práticas espaciais dos grupos subalternos (como mulheres, LGBTQI+, homens que expressam masculinidades que não se enquadram no ideal

hegemônico, entre outros), que se observou ao longo da produção geográfica, também pode ser lido como uma estratégia de dominação e controle impressa na história do conhecimento científico, uma característica que as “Geografias Feministas” denunciaram e buscaram superar.

A denúncia à invisibilização, ausências e silêncios, referentes às práticas de determinados sujeitos e grupos sociais no debate geográfico sobre a produção e transformação do espaço buscou sustentação em Foucault, de acordo com Silva (2009b) o referido autor corrobora com a necessidade de se “[...] evidenciar nas produções discursivas os princípios que organizam o par relacional “poderes e silêncios” inerentes ao campo científico” (SILVA, 2009b, p. 58). Dessa forma,

Parece-me que a verdadeira tarefa política, em uma sociedade a como a nossa, é criticar o funcionamento das instituições, que dão a impressão de ser neutras e independentes; criticá-las e atacá-las de tal maneira que a violência política, que sempre foi exercida de maneira obscura, por meio delas seja desmascarada, para que se possa combatê-las (CHOMSKY; FOUCAULT, 2014, p. 51).

Portanto, como observado, as discussões referentes à influência do corpo, do gênero, da sexualidade e sua capacidade de subversão das relações de poder, com impacto na forma como o espaço é produzido, transformado e apropriado por grupos hegemônicos e subalternos, passaram a ser contempladas pelo paradigma das “Geografias Feministas”, que sustentaram suas análises em autores como Foucault, o que permitiu o resgate mais profundo de determinados pontos de sua vasta obra, para além das reflexões até então empreendidas. No próximo item do ensaio trata-se da potencialidade da filosofia foucaultiana para pensar o corpo-território.

## **2.2 Potencialidade do pensamento foucaultiano para o debate sobre o corpo-território**

Pensar o corpo implica considerar que ao longo da história ele foi alvo de diferentes interpretações, inicialmente mais ligadas a biologia e posteriormente englobando a dimensão sociocultural, interpretando-o como se fosse um produto da sociedade em que está inserido (BRIGHENTE; MESQUIDA, 2011). No caso da Geografia, apesar da resistência e negligência com relação ao papel das corporeidades na produção do espaço é possível mapear trabalhos importantes, sendo que essa dimensão se encontra diluída na categoria trabalho. Carlos e Rossini (1983), por exemplo, definem o espaço como o fruto das relações que se estabelece entre a sociedade e o meio, assim, o espaço é produzido no momento que o ser humano cria sua existência por meio do trabalho, envolvendo o uso de suas potencialidades corpóreas.

Ao se analisar os escritos de Foucault, percebe-se que não possível pensar o trabalho sem pensar o corpo e mais que isso, quando Carlos e Rossini (1983) asseveram, que o espaço, transformado pelo trabalho, é uma dimensão



que reflete as características da sociedade que o produz, parte dessas características estão ligadas às formas de controle desses corpos, que Foucault (2014) mostra que se renovaram a medida que se desenvolvem novas relações capitalistas de produção, trazendo a ideia de que nas chamadas sociedades disciplinares o corpo é valorizado de acordo com sua utilidade e docilidade, ou seja, “[...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, 2014, p. 29).

Observa-se que um dos locais onde o controle dos corpos se fez mais evidente foi nas fábricas, de acordo com Foucault (2014) à medida que as forças de produção foram concentradas foi importante tirar delas o máximo das vantagens e, em concomitante, neutralizar inconvenientes como roubos, interrupção do trabalho, agitações, entre outros. O autor lembra que para o capitalista o tempo medido e pago deve ser livre de impureza e de boa qualidade, para isso “[...] o corpo deve ficar aplicado a seu exercício. A exatidão e a aplicação são, com a regularidade, as virtudes fundamentais do tempo disciplinar” (FOUCAULT, 2014, p. 148).

A organização do espaço não é nem se dá de forma neutra, ela reflete relações de poder, o nível de desenvolvimento técnico e as formas produtivas, bem como períodos de bonança e miséria pelo qual passou determinada sociedade. Sua organização se dá de tal modo que, estrategicamente, os corpos sejam controlados e disciplinados de uma forma mais eficaz, Montúa explica essa questão à luz de Foucault quando diz:

O corpo se encontra em uma sociedade que lhe limitou o espaço de deslocamento, pois está organizado de tal forma que fronteiras foram traçadas para demarcar seu território e assim ter o controle sobre ele, com intuito de mantê-lo sempre localizado e resguardado, assegurando assim a efetiva manutenção da estrutura Foucault chama “sociedade disciplinar”, caracterizada pela observação do corpo<sup>6</sup> [Tradução própria] (MONTÚA, 2005, p. n.p.).

Foucault (2014) é fundamental, portanto, para apreendermos processos e estratégias sobre os quais o controle é exercido sobre os corpos, num movimento que envolve uma coerção sem folga, interferindo nos movimentos, gestos, atitude, rapidez, dentre outros elementos ligados ao comportamento e linguagem corporal. Os métodos de controle dos corpos se efetivam a partir de processos disciplinares, que podem ser observados com maior nitidez em espaços específicos no só nas fábricas como já citado, mas nos conventos, exército, oficinas, escolas, entre outros (FOUCAULT, 2014). Conforme o autor:

<sup>6</sup> Texto original: El cuerpo se encuentra en una sociedad que ha limitado el espacio para moverse, ha organizado el área, trazando fronteras para demarcar su territorio y así tener el control de él, para conservarlo siempre localizado, vigilado para mantener efectivamente la estructura de lo que Foucault considera es una “sociedad disciplinaria”, cuya norma de rendimiento esta trazada por la observación del cuerpo (MONTÚA, 2005, n.p.).

O movimento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Formase então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de gestos, de seus comportamentos (FOUCAULT, 2014, p. 135).

As técnicas disciplinares que docilizam os corpos estão presentes na vida das pessoas desde mais tenra idade por meio da escola, por exemplo, e permanece ao longo da vida, podendo ser compreendidas como “microfísica do poder” (FOUCAULT, 2014). Segundo o autor, nos espaços disciplinares se observa dinâmicas como a dificuldade de livre circulação dos sujeitos, pois sua coagulação inutilizável é considerada perigosa, nas escolas, por exemplo, alunos são organizados em fileiras e subdivididos em grupos menores de acordo com critérios como a idade, desempenho, comportamento, entre outros, “[...] fez-se funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (FOUCAULT, 2014, p. 144).

Observa-se que a ideia de sociedade disciplinar é eminentemente geográfica, visto que reforça a visão da organização do espaço como estratégia de manutenção do poder hegemônico pelo controle constante dos corpos. Nesse debate ganha forma a concepção de biopolítica, proposta por Foucault, que alicerça a reflexão do conceito de corpo-território. A biopolítica surge no bojo de transformações socioeconômicas e culturais do fim do século XVIII, no qual passou de uma “anátomo-política” do corpo humano para uma tomada de poder direcionada ao homem espécie, não mais centrada no indivíduo, mas de forma massiva, de modo a atingir uma escala global, no sentido “[...] de levar em conta a vida, os processos biológicos do homem- espécie e de assegurar sobre ele não uma disciplina, mas uma regulamentação” (FOUCAULT, 2002, p. 294).

É pertinente lembrar ainda que em Foucault fica claro que as técnicas de poder voltadas ao corpo do indivíduo aparecem com mais nitidez nos séculos XVII e XVIII, se fundindo a racionalidade econômica “[...] de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia, que podemos chamar de tecnologia disciplinar do trabalho” (FOUCAULT, 2002, p. 288).

Ao pensar a relação entre biopolítica e o espaço é importante lembrar que na contemporaneidade, o espaço urbano representa a problemática essencial de um meio socialmente criado, em que a população se torna o foco da “biopolítica”. A ideia de população, que direciona a atenção da “biopolítica”, está atrelada a dimensão política, científica, biológica e a escala territorial de atuação do biopoder. Portanto, a “biopolítica” se efetivará via tecnologia do poder, pois irá desenvolver táticas de atuação mediante as previsões, estimativas estáticas, medições globais, entre outras, voltadas à população.

Ao se trabalhar com população e território, particularmente o poder de gerir ambos, é necessário considerar a complexidade da categoria população, assim como alerta Foucault ao esclarecer que esta não se constitui em um conjunto simplesmente da soma de indivíduos localizados em um território, mas se torna uma variável articulada a outros fatores que envolvem a reflexão econômica e política, no sentido que “[...] trata-se sobretudo de estabelecer mecanismos reguladores que, nessa população global com seu campo aleatório, vão poder fixar um equilíbrio” (FOUCAULT, 2002, p. 293).

A inter-relação que estabelece Foucault entre disciplina, controle, trabalho e espaço demonstra que pensar o corpo-território por essa perspectiva exige superar a visão reducionista, em que o corpo-território se encerra em si mesmo, quer dizer, ele deve ser apreendido de forma relacional com as dinâmicas, processos e fenômenos que se manifestam em outras escalas territoriais, ao expressar as relações de poder que visam a submissão dos corpos, que por sua vez resistem cotidianamente frente às estratégias de submissão e opressões que nem sempre são visíveis a olho nu.

No caso a prática discursiva cria as bases de normalização e padronização social e do poder sobre o espaço por meio de sua organização para efetivar seus objetivos. A vinculação do discurso com o saber, e a sua utilização como mecanismo de poder, transforma-se em meio de dominação. No processo de criação das redes de poder da sociedade disciplinar destaca-se em um primeiro momento o poder agindo diretamente sobre o corpo como tática de adestramento do gesto, regulamentação do comportamento e normalização do prazer, repercutindo no espaço com a criação das “cidades operárias” (1830–1870) e a organização do trabalho interno nas fábricas, ambas estruturadas para a vigilância e controle do poder. O mesmo ocorre com a família operária, na qual se impõe moralidade que se cristaliza na organização do espaço do cotidiano familiar, uma peça para se alimentar, uma para os pais e outra destinada à prole.

Conforme se observa nesses últimos pontos, o poder e a organização do espaço envolvem a disciplina e controle de corpos, expressos na homogeneização de comportamentos, inclusive em âmbito sexual e tendo como um dos principais pilares a instituição da família. Assim, os corpos são territórios tanto a ser defendidos pelos sujeitos, quanto alvo de dominação dos atores hegemônicos que visam a manutenção do *status quo*. Quanto a sexualidade, ela foi fortemente focalizada pelas estratégias de controle em prol de uma padronização, na qual os comportamentos obedientes ou subversivos era o que definia a ideia de normal ou patológico, fazendo com que os indivíduos com comportamentos desviantes do padrão se autovigiasssem constantemente, com medo de sofrerem punição e/ou exclusão, uma situação que gera estresse e reforça a ideia de que a violência nem sempre é física, mas também psicológica (BRIGHENTE; MESQUIDA, 2011).

A padronização da sexualidade e o controle a comportamentos subversivos foi por muito tempo controlado mediante laudos médicos, que ajudaram construir a ideia de que “[...] apenas o heterossexual é compreendido

como normal, afinal, o discurso-médico científico (desde o século XVIII) afirmou que o heterossexual é o padrão, portanto, aquele que é saudável” (BRIGHENTE; MESQUIDA, 2011, p. 2402).

Vale lembrar que a heterossexualidade compulsória e o modelo tradicional de família asseguram ao capital a reprodução do trabalhador. O disciplinamento e controle de corpos subversivos como o de homossexuais, transexuais, bem como práticas como a poligamia, são condenadas por diferentes instituições sociais por apresentarem padrões que fogem ao controle, e com capacidade de subverter a ordem do poder.

Os corpos-territórios, mesmo quando aparentemente dominados, possuem uma força subversiva grande que fica expressa na criação de espaços diferenciais, produzidos e apropriados de acordo com outros critérios. Os territórios de prostituição de travestis, por exemplo, comuns em grandes centros urbanos, desafiam o planejamento urbano ortodoxo baseado na ideia de cidade formal, ao conceber determinados espaços como parques para o lazer os planejadores não consideram a possibilidade da subversão da função urbana, inicialmente pensada, por meio da territorialização de corpos marginais que utilizam esses espaços de outra forma. No momento em que se apropriam simbolicamente e concretamente desses espaços, territorializando-se, atacam os valores morais impostos, repercutindo em âmbito concreto na desvalorização imobiliária.

Entende-se que ao serem alvo de investidas disciplinadoras, de modo a serem controlados e docilizados, os corpos produzirão um espaço com essas características, enquanto espaços ocupados por corpos subversivos apresentará outras dinâmicas, repercutindo no comportamento dos indivíduos que se apropriam dele, assim como no supracitado caso dos territórios de prostituição de travestis. Outros exemplos da subversão às normas, que trazem impactos no espaço, ficam muito evidentes em estudos etnográficos como os realizados por Braz (2009, 2011) e Barreto (2019) que ao investigarem locais voltados ao sexo entre homens perceberam dinâmicas comportamentais muito específicas, que se manifestam unicamente nesses locais. Barreto (2019) mostra que nesses encontros se segue outras matrizes de valores morais, que supervaloriza a ideia de autonomia e liberdade quanto às escolhas do que se faz com o próprio corpo, o que demonstra que as ideias de “prevenção”, “cuidado”, “saúde”, “risco”, entre outros, podem seguir outras lógicas, que variam conforme o contexto sociocultural em tela na análise, e a subversão se concretiza pelo/no corpo-território.

Isso é reforçado pelo próprio Foucault quando diz que:

[...] a definição de doença e de doente e a classificação do doente mental tem sido feitas de maneira tal como se pretendesse excluir de nossa sociedade determinado número de pessoas. Trata-se, na verdade, de uma maneira astuta de excluir certas pessoas ou certos padrões de comportamento (CHOMSKY; FOUCAULT, 2014, p. 74).

Compreender isso é fundamental para entender a história da violenta repressão à comunidade LBG, marcada pela disseminação da ideia, amparada pelo discurso dominante, de que essas pessoas eram doentes mentais, quando analisada essa questão à luz de Foucault percebe-se que essa foi uma forma de excluir socialmente aqueles que não seguiam os padrões morais hegemônicos.

Barreto (2019) em uma interpretação sustentada por Foucault (2000b), reforça a crença do autor de que um poder investido sobre o corpo é também a origem da resistência que se efetiva na tomada de consciência sobre o próprio corpo e reivindicação sobre ele como quando se busca o prazer, mesmo que para isso tenha que se romper com as normas morais referentes à sexualidade, nudez, entre outros.

No entanto, ressalta-se que “[...] a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua (FOUCAULT, 2000b, p. 146). Assim, há sempre o contra-ataque, em que são organizadas novas estratégias de regulação, no caso da expressão da sexualidade e nudez, o autor afirma que se observa a mudança de um “controle-repressão” para um “controle-estimulação”, na qual a nudez é um exemplo de algo que deixa de ser um problema, desde que o corpo desnudo se enquadre em determinados padrões de beleza, “[...] fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (FOUCAULT, 2000b, p. 147), ou seja, os corpos que estamos acostumados a ver sendo valorizados pela mídia e publicidade.

Conforme observado, na sociedade contemporânea há um forte entrelaçamento entre o poder de dominação e a prática discursiva, com destaque para o discurso midiático. A mídia assume a posição de sistema de sujeição e controle, na qual o poder é legitimado pelo discurso no que Michel Foucault denominou “apropriações sociais dos discursos”, sendo que a análise do discurso midiático exige que se considere que determinado discurso está subjugado à “ordem do discurso”, refletindo determinada temporalidade, contexto social, relação de poder e saber, bem como criando subjetividades, com intuito de moldar a visão de mundo e o estilo de vida da sociedade, desempenhando, portanto, um papel disciplinador ou de “educador” da população (ANTONELLO, 2009).

A relação entre o poder, o discurso e a mídia ajuda compreender que o poder do capital, que se sobressai na produção da organização espacial, não visa tyrannizar ou aniquilar o trabalhador, mas sim estimular que ele coloque a sua disposição a sua força de trabalho, o seu intelecto e a sua vida. Na contemporaneidade, a suburbanização se dá de forma intensificada e não ocorre no modelo disciplinar da cidade operária, mas se apresenta com especializações diversas, materializadas em centros especializados e numerosos subcentros, tanto de serviços como residenciais. Contudo, a regulamentação atua via discurso do consumo para o trabalhador, mediante o discurso ideológico da disponibilidade de obter créditos para a casa própria, como para qualquer mercadoria, que funciona como alimento para a produção capitalista e, em simultâneo, proporciona um mecanismo de controle de regulamentação ao fazer



o trabalhador se sentir parte do sistema, ao embutir-lhe o sentimento que pode “usufruir” da sociedade do consumo, mesmo que sejam suas migalhas.

No caso dos corpos, a mídia e as representações sociais construídas por meio dela com relação ao corpo agem como dispositivo de controle, repercutindo no corpo-território da massa que vai buscar se enquadrar nos padrões, não só nos de sexualidade e gênero citados anteriormente, mas outros mais específicos como os de beleza, inatingível para a grande maioria. Nesse conflito marcado por continuidades e rupturas, busca pela adequação ou resistência e subversão aos padrões, se observa uma dinâmica constante, na qual o “[...] discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo” (FOUCAULT, 1982, p. 96, *apud* ANTONELLO, 2009, p. 106). Destarte, cada vez mais, observam-se movimentos que buscam subverter esse contexto, reforçando a necessidade de reconhecer outras belezas, que fogem dos padrões preestabelecidos, são movimentos que revisitam a ideia de representatividade.

Essas dinâmicas são características da forma como a sociedade está formatada, sendo todos criados e moldados para atender e se adaptar aos padrões vigentes da sociedade de controle, na qual os desejos, os sentimentos e as ações não são do sujeito, mas movidas e fabricadas pelas “modernas tecnologias do poder”.

Assim, o corpo-território se reproduz no interior da sociedade de controle a partir do biopoder. Controle que é produzido através do controle do tempo, do modo de vida, das práticas e da forma de ver e ser o mundo dos indivíduos. São formas que vão desde ao uso da força até mesmo a busca pelo controle da alma, da subjetividade dos “sujeitos-corpos”, dos lugares frequentados do trabalho e do não trabalho, do consumo, das informações que trafegam pela sociedade, enfim, pela produção de uma ordem simbólica e gnosiológica de manutenção do status quo e da construção de um poder, o biopoder que atua sobre a vida nua, isto é, sobre a espécie humana, seus corpos formados por elementos psíquicos, biológicos e socioespaciais (MONDARDO, 2009, p. 10).

Portanto, conforme se observou até aqui, entende-se que a relevância de Foucault para este debate fica mais nítido quando se percebe em sua obra que o corpo está imerso em um jogo de relações de poder que não são neutras, mas políticas (HAESBAERT, 2021). Essas relações de poder nem sempre se manifestam de forma explícita, muitas vezes são sutis e difusas, mas visam impor uma força disciplinária.

Em “Vigiar e punir” Foucault (2014) explica o corpo como objeto e alvo do poder que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações de modo a docilizá-lo, ou seja, “[...] é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado. Que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Essa docilização dos corpos aparece no relato de Grijalva (2020) quando



lembra das mulheres que foram educadas a esconder a menstruação, se construindo em torno desse processo biológico o sentimento de vergonha e nojo, bem como no caso de homens que abusam de mulheres, tocando seus corpos em locais públicos como ônibus, por acreditarem na impunidade que resulta de uma educação que oprimiu e silenciou mulheres ao longo da história.

A autora traz ainda uma reflexão sobre como ofensas racistas que ela sofreu ao longo da vida de forma explícita, as quais podem ser interpretadas como o resultado da ideia de que os corpos racializados são dóceis e não apresenta resistência, no caso de Grijalva (2020) ela afirma não ter ficado calada, nas suas palavras: “[...] consegui me impor com muita convicção, pois entendia tais atitudes como produto da ignorância e da alienação” (GRIJALVA, 2020, p. 13). Este exemplo demonstra a possibilidade de se apreender, à luz de Foucault, que os corpos-territórios possuem diferenças quanto à classe, gênero, sexualidade, raça, entre outros, e cada uma dessas variáveis fará com que sejam mais ou menos suscetíveis às forças que os atingem. Além disso, o lugar que os corpos ocupam, não só na estrutura social, mas também em sentido locacional estrito, tem repercussões nas experiências e práticas espaciais desses sujeitos.

No debate de corpo-territórios é importante se ater ao seu atributo relacional, pois Mondardo (2009) reforça a ideia de que o corpo constitui o primeiro território, que tenta ser alcançado pelas relações de dominação e controle, sendo que para Haesbaert (2020) é a partir dessa concepção que se pode pensar a condição da população mais precarizada, que nada mais possui a não ser seus próprios corpos para defender como se fossem territórios, a dimensão em que buscam manter o controle. Nesse sentido, estudos vem mostrando como as dinâmicas econômicas e sociais que se dão em outras escalas territoriais influenciam a saúde dos corpos-territórios.

Grijalva (2020) relata, com base em suas experiências, que muitas doenças crônicas que teve, como alergias, foram uma resposta de seu corpo aos traumas vividos aos cinco anos, como o conflito armado na Guatemala e os casos de racismo vividos por conta de sua identidade etnia maia, que a autora faz questão de reafirmar como ato político para assegurar os direitos e o respeito a essa comunidade, de modo a superar o preconceito e a ideia de que esse povo não existe mais.

Nesse sentido, é possível compreender a partir de Mondardo (2009) que a noção do corpo-território permite assimilar o lugar que a materialidade e subjetividade dos sujeitos ocupam na miríade de relações de poder que estabelecem uma ordem espacial, influenciando a forma como os corpos se movimentam e se moldam, dentro dos limites impostos pelos processos de controle, disciplina e coerção.

É por esse e outros motivos que Grijalva (2020) define seu corpo como um território político, defendendo que ele não se restringe à esfera biológica, é também histórico, sendo que as experiências corpóreas são ligadas as ideologias, discursos e ideias que legitimam as opressões sobre determinados corpos, como diz a autora “[...] a partir daí, reconheço meu corpo como um território com história, memória e conhecimentos, tanto ancestrais quanto

próprios, da minha história íntima” (GRIJALVA, 2020, p. 10). É nesse autorreconhecimento que se localiza o núcleo das capacidades de resistência e subversão.

Finaliza-se essa reflexão em aberto, dado que as análises realizadas neste ensaio encontram em fase de aprofundamento frente a complexidade da obra do autor, espera-se que o texto seja um convite para outros autores debaterem o corpo-território a luz de Foucault abordando não só suas potencialidades, mas os limites, já que a realidade é dinâmica e complexa e precisa constantemente de um olhar atento às transformações territoriais.

### **3. Considerações finais**

Observou-se como a interpretação foucaultiana proporciona uma base profícua para o estudo de temáticas intrinsecamente envoltas com as preocupações geográficas, como o que exige análise do elo saber-poder-espço, primordialmente o poder sobre o espaço.

Se percebe uma nova tecnologia do poder, que se exerce por meio de mecanismos que englobam processos biológicos, o controle sobre a qualidade de vida, do espaço de produção cotidiana e a própria longevidade, ou seja, alcança a sociedade a partir do biopoder. Nesse contexto, acredita-se que o pressuposto foucaultiano da biopolítica pode alicerçar teoricamente e metodologicamente o desenvolvimento de reflexões e interpretações da realidade contemporânea, sem perder de vista a espacialização produzida pelo trabalho social entrelaçado nas redes do poder.

Além disso, no transcorrer do texto evidencia-se a profundidade em que a filosofia foucaultiana pode penetrar no pensamento e nas análises geográficas em diferentes temas, desde a discussão do território até a do corpo, contudo é necessário abrir caminho nos limites da divisão intelectual do trabalho científico para conseguir a interfecundidade que pode emergir com a busca de interlocução entre os saberes. Entretanto, a trilha para o diálogo entre os saberes acadêmicos (divisão em disciplinas), bem como, com o saber popular, não está aberta, demandando energia e disposição para a sua abertura.

Nessa reflexão se encontra uma tentativa de iniciar a trilha, claro sem tentar demarcar a direção, mas sim com o escopo de romper com a própria expectativa ilusória, na esperança de que no futuro o conhecimento científico consiga sobrepor a disciplinaridade do saber e fomentar a transdisciplinaridade envolta com o conhecimento popular.

A partir das discussões referentes à disciplina e controle dos corpos-territórios e de sua capacidade de subversão, inerente a todas as relações de poder, sendo a resistência intrínseca a opressão, ressalta-se a fecundidade do pensamento foucaultiano para análise geográfica, particularmente do corpo-território, expressa principalmente na defesa do filósofo de vincular o poder e o espaço, ou seja, de pensar o espaço e o poder como poder sobre o espaço.

Nesse ensaio considerou-se a potencialidade da incorporação do pensamento foucaultiano nos estudos de gênero, que buscam compreender



como o corpo e a sexualidade influencia o processo de produção do espaço social, a forma como os sujeitos se apropriam dele, e as práticas espaciais de resistência, sendo esse campo fértil, em que os conceitos como o corpo-território vem criando raízes, espera-se que sejam profundas.

## Referências

ANTONELLO, Ideni Terezinha. O discurso midiático sobre a reestruturação econômica e territorial no e do espaço rural norte paranaense. *In*: KATUTA, Ângela Massami; ELY, Deise Fabiana; PAULINO, Eliane Tomiasi; CUNHA, Fabio Cesar Alves; ANTONELLO, Ideni Terezinha. **Geografia e mídia impressa**. Londrina: Moriá, 2009. p. 87-110.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. Erótica dos fluidos masculinos em práticas sexuais coletivas. **Etnográfica**, v. 23, n. 3, p. 717-738, 2019

BRAZ, Camilo Albuquerque. Vestido de antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. **Bagoas**, n.3, p. 75-95, 2009.

BRAZ, Camilo Albuquerque. Como las convenciones viajan: notas etnográficas sobre clubes de "sexo duro" em Madri. **Contemporânea**, n.2, p. 139-164, 2011.

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares. *In*: 10º Congresso Nacional de Educação. **Anais[...]**, Curitiba: EDUCERE, 2011. p.2390-2403.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; ROSSINI, Rosa Ester. População e o processo de estruturação do espaço geográfico. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 2, p. 7-18, 1983.

CHAVES, Ana Paula Nunes; POLICASTRO, Camila Benatti. Tecendo articulações entre Michel Foucault e a geografia: do curso à aplicação das abordagens. **Anais[...]**, Campinas: ENPEG; UNICAMP, 2019. p.2626-2637.

CHOMSKY, Noam; FOUCAULT, Michel. **Natureza humana: Justiça vs poder: o debate entre Chomsky e Foucault**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A vontade de saber: História da Sexualidade I**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 5ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits. Paris**. Paris: Éditions Gallimard, 2000a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 15ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000b.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.



GRIJALVA, Dorotéa Gómez. **Meu corpo é um território político**. Rio de Janeiro: Zazie edições, 2020.

HAESBAERT, Rogério. Reflexões geográficas em tempos de pandemia. **Espaço e Economia**, Rio de Janeiro, v. 18, p. n.p., 2020.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização etc.: **Espaço, tempo e crítica**, v. 1, n.2, p. 39-52, 2007.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina. Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

MONDARDO, Marcos Leandro. O corpo enquanto primeiro território de dominação: o biopoder e a sociedade de controle. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2009. 1-11. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/mondardo-marcos-o-corpo.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

MONTÚA, Fabián Andrés. Una reflexión sobre las investigaciones de Foucault del cuerpo y del poder. **Efdeportes**, Buenos Aires, n. 89, p. n. p, 2005.

NOVY, Andreas. **A des-ordem da periferia**: 500 anos de espaço e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin**: A educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis: Vozes, 2001.

RAFFESTIN, Claude. Could Foucault have revolutionized Geography? *In*: CRAMPTON, Jeremy W.; ELDEN, Stuart. **Space, knowledge, and power**: Foucault and geography. Cornwall: Ashgate e-book, 2007. p. 129-137.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *In*: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território**: globalização e fragmentação. 4ª. Ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. p. 15-20.

SILVA, Francisco Paulo da. Articulação entre poder e discurso em Michel Foucault. *In*: SARGENTINI, Vamice; BARBOSA, Pedro Navarro. **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 159-182.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 18, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1343>. Acesso em: 16 out. 2022.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo Geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. *In*: SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009a. p. 25-53.

SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. *In*: SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009b. p. 55-91.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; CHIMIN JÚNIOR, Alides Baptista. O legado de Henri Lefebvre para a construção de uma geografia corporificada, *Presidente Prudente*, v. 3, n.41, p.



---

63-77, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6404>.  
Acesso em: 16 out. 2022.

SOJA, Edward Willian. **Geografias pós-modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Editor, 1993.

Recebido em: 21 de maio de 2022.  
Aceito em: 6 de junho de 2022.  
Publicado em: 11 de dezembro de 2022.

